

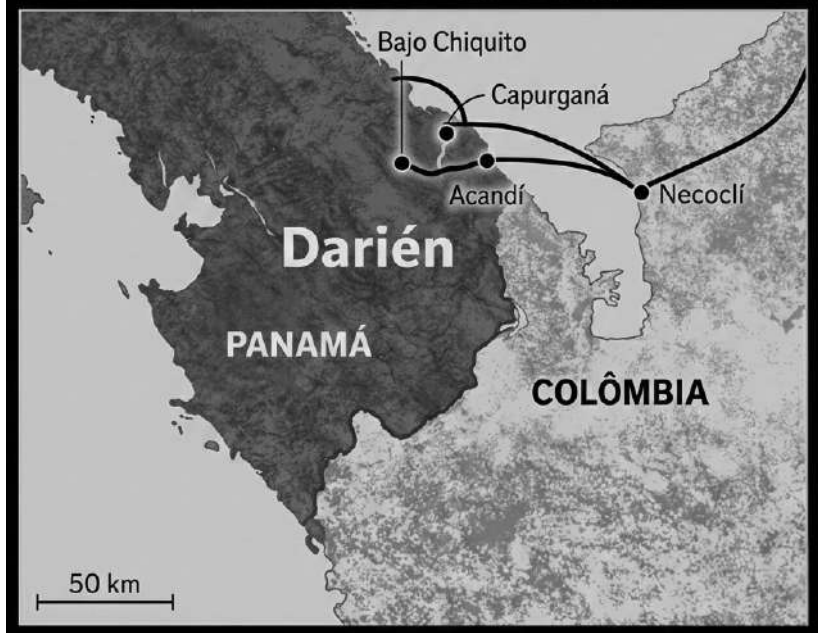
NA
TUA
MÃO

HÉLDER TEIXEIRA AGUIAR

Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís 2025

FICÇÃO · ROMANCE

Para a Liliana.
Para a Bárbara e o Tiago.
Para os meus pais.



PREFÁCIO

A literatura não é a mesma em todos os momentos da vida. Não pode sê-lo. Quando sabemos que milhões de pessoas se veem obrigadas a sair do país onde nasceram, que ali perderam empregos e propriedades, que deixaram pessoas queridas sem saber se voltariam a vê-las, que abandonaram uma primeira vida e empreenderam uma viagem para chegar a não se sabe onde, muito menos como, a literatura não pode continuar a ser a mesma. Talvez seja necessário reinterpretá-la.

Já antes o tinham feito centenas de milhares, mas de janeiro de 2017 a dezembro de 2025 vários milhões de pessoas viram-se na necessidade de abandonar a Venezuela. Os números oscilam: há quem diga sete milhões, há quem diga dez, como se fosse apenas uma questão de algarismos. Cada uma dessas migrações esconde uma tragédia: fome, dor, morte, sacrifício, lágrimas e, sempre, náusea. Cada uma dessas pessoas deixou para trás entes queridos que, como se estivessem na margem de um porto, se despediram delas a chorar, por vezes em silêncio, «porque eles conseguem ouvir-nos e depois não sabemos o que acontece». Cada uma delas, além de sobreviver, tinha uma missão: contactar alguém, enviar depois dinheiro ou medicamentos, telefonar mal pudesse, estabelecer-se e conseguir que outros conseguissem sair também graças ao seu esforço. Houve quem voasse, quem enviasse os seus livros por barco. Mas milhões saíram do país a pé ou à boleia. Muitos seguiram para sul, tentando atravessar os Andes de sandálias. É doloroso imaginar as suas feridas; os seus dedos dos pés ficavam congelados. Muitos seguiram para norte, em busca do sonho americano ou como escala para alcançar depois a Europa. Entre estes, muitos nunca tinham sequer ouvido falar da palavra Darién.

A Darién chamam de região, de selva e de tampão, mas fundamentalmente é um monstro. Devora pessoas vivas, despedaça-as com as suas

mandíbulas e depois vomita-as para que continuem a caminhar. Darién é verde e castanha: ali se veem as árvores mais altas e as subidas mais íngremes. Darién é pântano: aqueles que se aventuram nas suas águas muitas vezes não saem delas vivos, por mais ágeis que sejam. Darién é também prisão: ali se encontram os vilões mais desalmados, criminosos que troçam da necessidade alheia e lucram com ela, porque a vida dos migrantes não lhes diz absolutamente nada.

Aprender sobre Darién, conhecer venezuelanos que o atravessaram, foi a experiência que mudou o significado da escrita de Hélder Teixeira Aguiar, conseguindo com este romance tecer um cordão humano que, de Caracas, pretende chegar a Portugal, numa viagem de retorno, para abraçar as raízes mas também para entrever um tesouro valioso e inestimável, necessitado de transformação, repleto de verdade.

Como é que o médico e escritor Hélder Teixeira Aguiar conseguiu reconstruir cenários que nunca havia pisado, aparentemente tão afastados da realidade em que habita, é uma questão que, embora tentadora, é inútil, pois é precisamente isso a literatura: inventa, imagina, recria e torna plausível – Darién é real, mas não plausível – aquilo que não o é. Faria mais sentido, embora não o façamos, tentar explicar os truques de um mágico. A maravilha reside no facto de a leitura deste livro ser comovente, cativante e não deixar nenhum leitor indiferente. Tão belo como Ávila, a montanha que ilumina Caracas e que na verdade se chama Waraira Repano. Tão profundo como o oceano que os seus dois jovens protagonistas, Rúben e Gonzalo, prometem atravessar. Tão labiríntico como a selva que pretendem percorrer. Tão profundo como o amor de um irmão mais velho que se converte em pai e mãe do seu próprio irmão.

Diante de si está uma obra que recomendo vivamente. Delicioso e doloroso, *Na Tua Mão* é um romance primorosamente escrito, que se entranha destemidamente num dos mais sombrios labirintos percorridos pela humanidade neste século.

Slavko Župčić
Escritor venezuelano

20 DE MAIO, 2018

Hoje é o dia.
A frase despertou-nos. Era cedo, demasiado cedo para um domingo, embora ainda se insistisse no boato de *nunca ser tarde para sonhar*.

– Vamos fazer história – acrescentou. – É hoje que os apanhamos.

Aceitei-o com um certo pasmo. Havia muito que não via a mãe assim, de palavras soltas escorregando-lhe da boca só para nos saltar pela pele. O otimismo dela era quase ofensivo. Todos sabiam que o jogo era viciado, que os *puntos rojos* já esperavam na esquina para comprar consciências por um saco de comida, mas ela vestia a camisola branca justa que o pai lhe tinha oferecido e que só usava no dia dele. O crachá cintilava-lhe em cima: *TESTEMUNHA ELEITORAL – MESA 047*.

– Precisas que eu vá contigo? – perguntei, ainda a esfregar os olhos.

– Não, *mi amor*. Quero-te aqui.

– Oh, *mami*, a que horas chegas? – intrometeu-se o meu irmão.

À vez, beijou-nos as testas, pertinho da raiz dos cabelos. Demorou-se mais do que o habitual, a quentura doce dos lábios a ficar gravada na pele.

– Não sei, *lindura*, vou demorar. Não se ponham por aí aos arrufos. – Fitou-me seriamente, como que para confirmar que a responsabilidade e a sabedoria são a arte exclusiva e intransmissível dos mais velhos.

– Eu sei, mãe – bufei.

– Cuidem um do outro. Para que uma mão se agarre, a outra estende.

As mãos dela uniram as nossas. Fez-nos ficar assim, quase a morrer de embaraço, para um último olhar antes de sair.

– Porque é que ela estava tão nervosa, Rúben?

Não soube responder, e talvez devesse. Nessa noite, a mãe chegou tarde, o silêncio dela parecia vir mais tarde ainda. Trazia olhos vermelhos,

um saco de plástico pesado que escondeu debaixo da pia, e eu enterrei-me no calor dos lençóis, a mim e a todos os meus sonhos.

PARTE I
PARTIÇÃO

A porta nunca se rendia à primeira. Como tudo ali, opunha-se ao gesto. Era necessário dar-lhe um jeitinho, elevar e empurrar, três investidas até que finalmente me consentisse a entrada. A cada volta, o existir reatava-se-me à pele. O cheiro a café e ao sabão de coco, as rugas do tapete de lã áspera que devoravam os meus passos, a madeira escura dos velhos móveis dos avós. O *reggaetón* trepava e vibrava pelas paredes do apartamento de baixo em ondas sísmicas, *pum-cha-pum-cha*, acompanhando os *pings* do *Minecraft* que crepitavam pela tarde como pipocas – sinal de que o Gonzalo já tinha chegado. No sexto ano, ele veraneava nesse território sem encargos nem relógio; eu, no décimo primeiro, estava condenado ao Colegio San Agustín até às cinco, cinco e meia. Eram treze estações: quarenta e cinco minutos se tudo corresse bem, se houvesse metro e este não avariasse; caso contrário, chegaria já de noite, sem este sol se estatelando de esguelha sobre Los Palos Grandes como hoje. Atirei a mochila ao chão e atravessei a sala onde o ventilador se debatia, inutilmente, contra os 32 graus.

A primeira coisa que lhe perguntei foi pela mãe. Mas qual mãe, qual quê. O meu *hermanito* às vezes só respondia ao que lhe interessava. Talvez fosse herança dela, económica nas palavras desde que o país lhe ensinara uma lição amarga: «sobreviver escreve-se em linhas mudas». À mãe, porém, sobrou-lhe uma obstinação febril, quase carnívora de tão dissimulada. Chegava da redação e soldava-se ao portátil, madrugando sobre a *pen* USB vinda de lá, amparada pela vaga promessa de estar prestes a desenterrar uma *magnum opus*, uma das suas expressões, embora o que verdadeiramente significava nunca nos tenha esclarecido.

A luz fluorescente da cozinha recebeu-me aos tremeliques, sinal da sobrecarga sistémica que mastigava o bairro. Ao balcão, a caligrafia dela triunfava no bloco: «Filho, deixei *arepa en el horno. Caliéntalo 5 min 200º*. Amo-vos». Um bilhete bilingue, como as nossas vidas e as nossas bocas: um tantinho mais portuguesas para assuntos da memória, venezuelanas para dissimular aquele presente incerto. A nossa pequena rebelião contra a «colaboração».

Abri o frigorífico. Escancarado em cima, o tesouro da última caixa CLAP: um saco de arroz, duas latas de atum, uma cenoura murcha, meio repolho que parecia ter sido trincado por uma família de ratos e quatro ovos. Pelo menos, os ovos pareciam ovos. Na porta, o único habitante que não viera da «entrega patriótica»: a última embalagem de leite de um pacote que açambarcáramos por fora, com um quarto do salário da mãe. Despejei o que restava pela goela abaixo. Precisava de energia extra.

Antes de enfrentar o espertalhãozinho lá de casa, espreitei pela janela. Sou um bocado para o nostálgico, confesso. Antigamente, Los Palos Grandes era um festival de flores em cada varanda, agora era um desfile de janelas a apodrecer, cortinas a servir de escudo e velhos geradores a tossir como tuberculosos nos apagões. Lancei o pacote ao lixo. Por uns míseros dois centímetros, falhei o cesto. Típico. Nem para o lixo tinha pontaria. Apanhei-o do chão e regressei à sala.

– Gonzo, estás a fazer *ghosting* comigo? – perguntei, elevando a voz para superar os grunhidos da guerra dele.

Nem assim. Mudei para modo administrador, arrancando-lhe o *tablet* da mão – o fóssil do Natal-com-prendas de 2014 que a mãe se recusava a vender.

– Rúben! – reclamou, tentando recuperá-lo. Estiquei o braço para o teto, só para o chatear.

– Agora já existo, não é?

– Não! Eu preciso... não vês que estava no meio de... oh!

Os olhos castanho-claros, generosos como os maternos, fulminavam-me. Sempre detestou deixar as coisas a meio (mais uma marca de origem materna).

– Pelo menos quando te enfiás nas tuas enciclopédias, junto com os sapos embrulhados em folhas de bananeira, parecez ouvir melhor.

– Sim, e por acaso sabes alguma coisa de animais? Ontem li sobre um que se enfiava bem numa dessas tuas unhas negras de ogre! – replicou, com o queixo erguido.

– Unhas negras de quem luta nas paredes, meu marreco – elucidai, embora ele estivesse fartinho de saber que era tinta de *spray*.

– Estava mesmo quase a chegar ao recorde de tempo, até tu vires e estragares tudo! Logo hoje que há luz, Rúben...

A floresta *pixelizada* do ecrã era a extensão do seu quarto: um templo sem fronteiras de atlas sobre bichos e fósseis, conchas apanhadas em Chirimena e pedrinhas «raras» encontradas «por aí».

– O que não te falta é tempo para isso. Olha lá, a mãe? – insisti, notando a sombra que lhe passou pelo rosto.

– Ela saiu para a redação, depois de falar ao telefone... – Os olhos dele abandonaram o ecrã e começaram a saltar: da mesa para a janela, da janela para as suas mãos, das mãos para o canto, num vaivém nervoso; um tique cruelmente engraçado por ser igualzinho ao do nosso pai, o pai que ele nunca conheceu. – Disse que tinha de ir a uma reunião de última hora, e, e, –

– E que era para *eu* pôr a mesa, não? – Ergui uma sobrancelha.

Um sorriso de *mea culpa* espalhou-se-lhe no rosto, fiscando-me o *tablet* da mão.

– Como adivinhaste?

– Já te conheço os movimentos todos, *bug*-com-pernas. Sabes os NPC, aqueles personagens dos jogos que andam lá só a fazer número ou a lambar as botas do herói? Até eles te mandavam dar uma curva...

Ele achava graça à minha língua mestiça, uma versão 2.0 da que a mãe usava: espanhol na base, português por cima (ou o contrário, quando me apetecia espicaçá-lo), salpicada de inglês e, claro, de umas gírias digitais.

– Ontem fui eu a pôr a mesa – ripostou ele –, por isso, hoje és tu o NPC totó.

– Tranquilo, não me importo nada de ser o NPC. Na vida real, os heróis acabam sempre na choldra ou degolados num beco. Ser NPC é o sonho! Ficas ali parado, dizes umas frases batidas o dia todo e ninguém te chateia.

Tentava desviar-lhe a atenção pois já intuía que alguma coisa não batia certo. Há uns tempos que a mãe falava no «volver» a Portugal. Só que esse *volver* soava estranho, como se se pudesse regressar a um lugar que torceria o nariz a essa palavra. Como naquele dia em que chegara com o tal saco de plástico que escondeu debaixo da pia. Lá dentro, reconheci as formas retangulares: telemóveis. Uns cinco ou seis, talvez. Quando lhe perguntei o que era, respondeu: «Às vezes, filho, há coisas que não podemos *não* fazer.» Puxou-me para o sofá e espetou-me aquela seriedade que usava para as ensaboadelas. Neste caso, era para os assuntos sem volta. «Ouve. Já não és criança. Tiraram-nos os passaportes na semana passada. Os três. Pode chegar o dia em que me detenham. Se isso acontecer, ligas ao tio.» Naquela noite, a almofada e as paredes não foram suficientes para abafar o choro dela. E a minha negação infantil.

– Ela estava preocupada, Rúben... – A voz saiu-lhe baixa, no meio de uma luta com a porcaria de um esqueleto-com-flechas-básico que o obliterou outra vez. – Falou em português ao telefone.

– A sério? Ligou finalmente aos avós?

– Não, não... era com o tio Álvaro.

– O tio? O que disseram, apanhaste ou não?

Devolveu-me uma careta. Ele era o mais europeu de nós os dois, com as suas sardas como sinais morse à volta da pele clara do nariz, só que a língua dos avós acabou por se perder nele. Diferente de mim, ele não crescera entre os diálogos cruzados dos pais. Ainda se agarrava aos móveis quando o pai sofreu o acidente, e foi aí que o idioma lhe sangrou. Sobrou-lhe pouco mais do que o *olá* e o *adeus*, o primeiro porque é literalmente igual, e o segundo sai sempre com sotaque.

Um estalido seco, metálico, vindo da rua fez-nos girar as cabeças. Uma porta de carro a bater, talvez. Uns segundos depois, nem os motores dos *mototaxis* a passar, nem buzinas impacientes. O pregão do vendedor de *tequeños* foi engolido a meio. Até o raio do cão do vizinho, que ladrava a tudo, emudeceu pela força. O bairro não foi pausado; foi amordaçado.

A luz da cozinha piscou para o seu último fôlego antes de se entregar à treva, e o silêncio instalou-se com a mesma arrogância do poder ubíquo da nossa realidade. O frigorífico, o ventilador, o batuque sísmico da